



Música e a crise da contemporaneidade

Carole Gubernikoff

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, Brasil
carole.gubernikoff@gmail.com

Adriana Lopes Moreira

Universidade de São Paulo – USP, Brasil
adrianalopes@usp.br

Durante muitos anos considerou-se que havia uma crise da modernidade na área de música. Mas, o que seria a crise da modernidade se não a efervescência e a dispersão? –O desenvolvimento da música moderna conduziu às questões que explodiram com a multiplicidade estética e com o experimentalismo da segunda metade do século XX. Entretanto, desde a década de 1980 observa-se um refluxo das radicalidades. No século XXI, encontramos um campo aberto. Por um lado, a expansão do campo musical com a sonologia cria uma dupla dificuldade: ou seu conceito é menos extenso que o conceito de música, um caso do campo musical; ou é mais extenso que a música, sendo ela apenas um caso no campo das artes sonoras multiexpressivas, no mundo globalizado da comunicação e da informática. Por outro lado, a música de concerto parece querer retomar seu sentido antigo, buscando uma expressividade que hoje consideram abandonada desde a modernidade.

Consequentemente, essa busca se reflete nos estudos musicológicos. Partindo do princípio de que a música é uma forma de ação comunicativa ou expressiva, as teorias analíticas recentes voltam-se da observação estrutural para a hermenêutica, passando a pensar a música no amplo contexto da história, da cultura e da subjetividade. Se a análise musical dos anos 1960 a 1980 foi considerada a base da compreensão musical, entende-se hoje que a compreensão musical deva ser a base - e o limite - da análise.

Novas funções e novos sentidos das práticas musicais as mais diversas surgem, não somente no âmbito da criação musical e da musicologia, mas também no cenário contemporâneo do ensino musical. O entorno sociocultural e as demais áreas de conhecimento têm interagido de modo significativo no ambiente musical, possibilitando que a música atue de forma benéfica nos espaços problemáticos da sociedade e auxilie os indivíduos a lidar mais enfaticamente com a sua subjetividade e suas emoções. Questões centradas na atitude de compreender que efeitos a música pode provocar na mente humana; que benefícios ou malefícios ela comporta; em que proporções e esferas ela atinge a humanidade e quais relações ela estabelece com as artes, a estética, o indivíduo, a natureza e a história são pontos de extrema importância para uma ressignificação da função e sentido musical na contemporaneidade.

Neste número, a diversidade de caminhos se apresenta de maneira especialmente contundente.

Personne significa alguém ou ninguém. Nessa publicação, apresenta-se enquanto texto, escrito a dez mãos, em torno de uma experiência que valoriza o encontro de músicos ao invés de focar obras individuais ou coletivas. Os conceitos de Obra e de Compositor passam a ser questionados, tanto em seus processos quanto nos resultados previstos. A partir de uma experiência inédita, a recriação da *Symphonie pour un Homme Seul*, de Pierre Schaeffer e Pierre Henry, obra emblemática da música concreta dos anos 1950, transcrita em notação musical e apresentada em 2014, o grupo maior se desmembra e quatro músicos formam o **Personne** - agora como espaço de encontro e de produção artística, experiências com eletrônica, improvisação vocal e instrumental, e demais formas de expressão, especialmente cinema. Este aspecto não comprometido com a sala de concerto e com seu público, ou ainda, com os espaços restritos da eletroacústica, de antemão forjados em escutas direcionadas, abre novas perspectivas e espaços para a prática da música experimental.

Ivanka Stoianova se debruça sobre uma ópera contemporânea que apresenta uma anti-narrativa. Como a obra de Nietzsche, em quem é baseado o libreto, a escrita linear é abandonada em favor de ditirambos e aforismas, em cenas que se justapõem sem sentido de continuidade. É interessante observar a escrita composicional extremamente expressiva, adotada por Wolfgang Rihm e a não linearidade da ação. A descrição e a interpretação que Ivanka Stoianova nos apresenta deste trabalho monumental, sua análise atenta e interpretativa, indicam-nos um caminho na elaboração de textos sobre música que equilibram a observação pessoal com o domínio técnico do fenômeno musical.

Makis Solomos é um musicólogo de uma nova geração que está se forjando no interesse pela emergência do som na música do século XX. Seu texto alude ao livro recém lançado na França, em que descreve e observa a transformação do conceito de música em “som organizado”, partindo da feliz definição de Edgard Varèse. Este tema nos remete, mais uma vez, à reformulação do conceito de música e sua expansão e mudança de paradigmas.

Rubens Lopes Cano e **Lucas Robatto** nos apresentam uma revisão de metodologias que permitam às artes e à música se expressarem no âmbito da pesquisa chamada de científica. Desde a inclusão das artes nos ambientes universitários, este dilema entre a expressão artística e o rigor científico e acadêmico não deixa de se apresentar. Se, por um lado, a composição e a sonologia encontraram caminhos próprios na expansão de seus conceitos, a integração dos intérpretes e performers na vida acadêmica, apesar de numerosa, continua discutindo a relação entre pensamento criativo e pensamento sistêmico. Os textos de Ruben Lopes Cano e de Lucas Robatto enfrentam este dilema.

Voltando-se ao processo de formação acadêmico profissional de professores-artistas cênicos, **Ricardo Figueiredo** defende a ideia de que as aulas de artes cênicas nas escolas se constituam enquanto realização de experiências criativas no espaço da sala de aula, vivências que não

deixem esmaecer a chama artística, e que ainda sejam incitadoras do desvelamento das possibilidades físicas, políticas e simbólicas do espaço escolar. Reconhece que a atual realidade brasileira é anterior, sendo necessário proporcionar um ambiente favorável à aprendizagem do próprio professor-artista, enquanto protagonista de processos de criação teatral na escola.

Paulo Barbosa apresenta-nos um panorama da concepção criativa do espanhol Chomón. Especialista em trucagens cinematográficas, técnica que remonta aos primeiros anos das imagens em movimento no início do século XX, Chomón fez da animação um meio para expressão de ideias. Operoso inventor de imagens, incorporou a animação ao seu processo criativo. Fundamentado em exposições e reflexões a respeito de suas principais animações, o artigo envolve o leitor no universo desse inventor de imagens, capaz de criar ilusões muito próximas às de um sonho.

Completam esta edição uma entrevista e duas resenhas.

Após décadas de vivência junto à efervescência criativa e composicional dos círculos europeus de composição contemporânea, **Mesias Maiguashca**, compositor equatoriano de música eletroacústica e mista, oferece ao ARJ uma entrevista fundamental sobre os rumos da contemporaneidade a partir de um olhar da América Latina. O paradoxo da ancestralidade latino americana e da contemporaneidade europeia está presente em sua reflexão, suscitada pelas perguntas formuladas por **Rogério Costa** e **Jonathan Andrade**.

Marcos Câmara de Castro debruça-se criticamente sobre a publicação *Ofício do compositor hoje*, de **Lívio Tragtemberg**, uma coletânea de artigos redigidos por compositores brasileiros. **Ronaldo Auad Moreira** apresenta-nos a poética da artista visual brasileira *Betty Leirner*, à luz do olhar da semiótica peirceana **Lucia Santaella**, que desvela-nos sua *arte aquém e além da arte*.

A todos, uma excelente leitura!